



## O OCULTAMENTO DA MULHER NAS CRÔNICAS DO DESCOBRIMENTO E A REVITALIZAÇÃO DO SEU LUGAR POR MEIO DA LITERATURA: O *EL DORADO*

Data de recebimento: 21/04/2017

Aceite: 10/06/2017

Alceni Elias LANGNER<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao elencar as crônicas referentes ao descobrimento do Novo Mundo, especificamente aquelas que dizem respeito à expedição espanhola em busca do *El Dorado* (1559-1561), pretendemos traçar uma linha tênue entre o ocultamento e a presença de personagens femininas nesse contexto, bem como correlacionar aspectos em torno dessa existência, como a função social, o discurso e o tratamento a elas destinados. Para isso, consideramos as crônicas organizadas por Mampel González e Escandell Tur (1981) e Martínez Tolentino (2012), as quais compõem um importante acervo documental que se alarga desde o século XX até o século XXI. Como aporte literário, buscamos obras latino-americanas que abordam a temática dentro do gênero Novo Romance Histórico, tais quais como *Daimón* (1978), de Posse, e *Príncipe de Chile* (2007), de Morales Monterriós. Nesse sentido, o arcabouço teórico referente ao deslocamento histórico-cultural da mulher se concentra em torno de autores como Burke (1937[2008]) e Bourdieu (2011); já no referente às teorias literárias que fundamentam a importância da experimentação verossímil comparada à historiografia, encontramos respaldo em Aínsa (1991) e Menton (1993).

**Palavras-chave:** Crônicas (1559-1561). Novo Romance Histórico. *El Dorado*. Ocultamento do feminino.

**Abstract:** When we list the chronicles regarding to the discovery of the New World, specifically those who talk about the Spanish expedition in search of the *Omáguá* Kingdom and *El Dorado*'s treasures (1559-1561), we aim to trace in this paper a fine line between the hiding and the presence of female characters in this context, as well as to correlate some aspects around this existence, such as social role, speech and treatment destined to them. In order to this, we consider the chronicles organized by Mampel González and Escandell Tur (1981) and Martínez Tolentino (2012), the ones which assemble an important documental collection that goes from the twentieth century up to the twentieth first century. As theoretical background, we searched for Latin American literary pieces that address the theme in the New Historical Novel gender: *Daimón* (1978), by Posse, and *Príncipe de Chile* (2007), by Morales Monterriós. For this matter, the theoretical framework referring to the historical cultural displacement of the woman is centered on authors like Burke (1937[2008]) and Bourdieu (2011). However, concerning

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (Campus Realeza-PR). Aluno do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado (UNIOESTE – Cascavel); Atuante na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. Colaborador do projeto de extensão “Estudos das teorias contemporâneas de análise literária - segunda fase”, vinculado ao PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura/PROEX-Unioeste-Cascavel. Aluno bolsista da CAPES. Unioeste – Campus Cascavel, Brasil. (alcenilang@hotmail.com).



about the literary theory that justify the importance of credible experiment compared to historiography, we find support in Aínsa (1991) and Menton (1993).

**Keywords:** Chronicles (1559-1561). New Historical Novel. *El Dorado*. Hiding of the woman.

## 1 Introdução

Desde o início das grandes navegações e descobrimentos, entre os séculos XV e XVI, a historiografia deu conta de registrar os fatos ocorridos no Novo Mundo por meio de cartas, crônicas e relações escritas pelos navegantes, no entanto, esse material provinha de um discurso tendencioso, cujo pragmatismo se funde à ideia da superiorização dos descobridores frente ao território descoberto, este que compreende a vasta extensão do continente americano.

Dentre os documentos referentes às navegações, podemos citar a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, datada de 1500, cuja intenção era narrar os acontecimentos e, principalmente, descrever a terra descoberta a fim de ressaltar os valores minerais nela contidos com a maior veracidade possível, conforme os apontamentos de Cortesão (1922, p. 51). Da mesma forma que os documentos originários das expedições de Pizarro e Alvarado (GIMFERRER, 2010, p 13), as quatro relações escritas por Hernán Cortés ao Imperador Carlos V, entre os anos de 1520 a 1526, as quais narram suas expedições em prol da conquista do México e seu confronto com os Astecas (MERCIER, 2008), possuem o mesmo caráter político representado pela carta de Caminha, embora, para Salvadorini (1963) essas cartas, denominadas pelo autor como relações, se distinguem do texto de Caminha por que “[...] *se refieren a sucesos que no pueden nararse fantaseando, sino que deben ser contados con notable fidelidade, sobre todo en lo que se refiere a su cronologia.*” (SALVADORINI, 1963, p. 77)<sup>2</sup>.

Ao elencar esses exemplos, nos deparamos com a ausência de mulheres posicionadas em papel principal dentro do contexto histórico em questão, na carta de Caminha por exemplo, a única referência ao sexo feminino são as vagas descrições das mulheres indígenas (CORTESÃO, 1922). Nas relações de Cortés, fica claro em seu discurso o papel de insignificância da mulher, primeiro pela forma submissa como trata Marina – Malinche – contudo ser sua amante e intérprete; segundo pela referência ao país das Amazonas, um lugar habitado por mulheres guerreiras, cujo interesse de Cortés não era outro se não o de impor seu domínio e, conseqüentemente, desvanecer o mito, conforme nos salienta Salvadorini (1963):

---

<sup>2</sup> Nossa tradução livre: [...] referem-se a sucessos que não podem ser narrados fantasiando, mas devem ser contados com notável fidelidade, sobretudo no que se refere à sua cronologia.



“[...] *está claro que su interés se siente atraído no tanto por la posibilidad de confirmar un mito, cuanto por la convicción de que una ulterior exploración aportaría nuevas posesiones.*” (SALVADORINI, 1963, p. 87)<sup>3</sup>.

Nesse sentido, com a intenção de averiguar o tratamento manifesto à mulher por meio do discurso, resgatamos nesse trabalho as crônicas oriundas de outra expedição realizada na colônia espanhola, aquelas que dizem respeito à jornada de *Omágua y Dorado*, cujo planejamento foi traçado por Pedro de Ursúa, entre os anos de 1559-1561, sob instruções do Vice-Rei do Peru, Andrés Hurtado de Mendoza, e que teve, no entanto, como personagem principal, um soldado libertário: Lope de Aguirre, este tratado como tirano pela historiografia.

Segundo as crônicas organizadas por Mampel González e Ecanell Tur (1981), Aguirre rebela-se contra a Coroa espanhola e projeta-se na história como um dos principais incitadores à independência do Vice-Reino do Peru. Aguirre assume uma postura libertária em defesa da região, juntamente com seus seguidores – os *marañones* –, contudo, essa atitude de rebeldia rendeu-lhe a imagem de anti-herói no discurso historiográfico.

Com relação aos textos, podemos dizer que são carregados de intencionalidades, pois o principal objetivo de sua escritura era a eximção da culpa pela traição à coroa espanhola e, ao mesmo tempo, cortar qualquer elo ideológico que os ligasse a Lope de Aguirre e à culpabilidade por inúmeros crimes que este carrega, conforme Southey (2010), o que acarretou em textos com forte marcação ideológica judaico-cristã.

É nesse contexto que emergem as duas personagens femininas mais marcantes de toda a narrativa da expedição, das quais é de suma importância que se conheça a conjuntura de inserção nos textos historiográficos. A primeira, Inés de Atienza, uma mestiça peruana que cumpre o papel de amante do governador da expedição, Ursúa, provavelmente se encontra entre os tripulantes por ter conhecido o governador algum tempo antes da partida. Após seu amante se desleixar com a missão e despertar a fúria de parte dos expedicionários, em especial Aguirre, é assassinado, fato que deixa Atienza sem proteção. A fim de não perder suas regalias, a mestiça passa a ter relações com outros *marañones* de cargos importantes, até ser morta pelos homens de Aguirre. Essa personagem é a responsável por representar toda a sensualidade e sedução ligadas ao feminino, apesar de ser pouco citada na maioria das crônicas.

---

<sup>3</sup> Nossa tradução livre: [...] *está claro que seu interesse se sente atraído não tanto pela possibilidade de conformar um mito, quanto pela convicção de que uma exploração posterior proveria novas posses.*



A segunda personagem, Elvira, é a filha de quinze anos do próprio Aguirre, e assim como Inés, é incluída à expedição por ter um forte elo sentimental com um dos conquistadores. Elvira é mestiça, filha de Aguirre com uma princesa indígena do Peru, e dentre as várias chacinas ocorridas na jornada é mantida em oculto, pouco aparece nas cenas, mas sabemos que está sempre ali juntamente com seu pai, a representar o elo frágil e ser uma das principais questões de dúvida quanto aos relatos das crônicas, visto que é morta a punhaladas por Aguirre em Barquisimeto, na Venezuela, minutos antes de sua própria morte.

Apesar da importância que tiveram dentro do contexto histórico, essas personagens são mais exploradas na esfera literária, como veremos em obras como o Novo Romance Histórico Latino-americano *Daimón* (1978) do argentino Abel Posse, e em *Príncipe de Chile* (2007)<sup>4</sup>, obra poética do chileno Morales Monterríos.

Muito mais que analiticamente, mas de forma a ilustrar, buscamos o gênero Romance Histórico e o recurso da verossimilhança para tecer comparativos entre a existência das personagens historiográficas e as de cunho literário. Nesse cenário, a obra *Daimón* (1978), é categorizada por críticos como Aínsa (1993), Menton (2003) e Albuquerque e Fleck (2015), como Novo Romance Histórico Latino-americano, isso por fugir do modelo tradicional apresentado por Walter Scott (1814), em *Waverley*, e exibir características marcantes, como a desconstrução da linearidade existencial dos protagonistas, a atemporalidade histórica, a presença do realismo mágico e, principalmente, o experimentalismo linguístico e formal.

De fato, essas são peculiaridades evidentes do novo romance histórico, como nos chama a atenção Aínsa (2003): “[...] *la nueva narrativa, a través de un deliberado revisionismo releve y reescribe esa historia, oficial, desde el diario de Colón, crónicas y relaciones, hasta textos contemporáneos como los de la revolución mexicana.*” (AÍNSA, 2003, p.11)<sup>5</sup>. As características dessa modalidade de romance, gerado na América Latina, também foram elencadas por Aínsa em *La nueva narrativa historica latino-americana* (1991), artigo no qual o crítico aponta como um dos principais nuances dessa categoria o fato de “[...] *releer la historia, especialmente crónicas y relaciones, ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial.*” (AÍNSA, 1991, p. 82)<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Tanto *Daimón* quanto *Príncipe de Chile* ainda não possuem tradução para o português.

<sup>5</sup> Nossa tradução livre: [...] a nova narrativa, por meio de um deliberado revisionismo relê e reescreve essa história, oficial, desde o diário de Colombo, crônicas e relações, até textos contemporâneos como os da revolução mexicana.

<sup>6</sup> Nossa tradução livre: reler a história, especialmente crônicas e relações, exercitando-se em modalidades anacrônicas da escrita, do pastiche, da paródia e do grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial.



Outra base fundamental sobre esse tema está na obra de Menton (1993), *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*, na qual o autor também postula características importantes dos novos romances históricos.

Entre as produções desconstrucionistas, as quais trazem em sua conjuntura essas características apontadas por Menton (1993), *Daimón* se encontra no apogeu, configurando-se como um modelo para a multifacetada categoria do novo romance histórico latino-americano, e isso nos vale de relevância para tecer comparativos com a obra contemporânea de Monterriós (2007), *Príncipe de Chile*, a qual aborda a mesma temática, no entanto sob o viés de um gênero parcialmente lírico, também desconstruído pelo experimentalismo, além de trazer em sua estrutura características que nos remetem ao gênero narrativo em questão.

Essas imbricações nos põem diante da necessidade de realizar tal investigação acerca desse ocultamento da mulher no texto historiográfico e, sobretudo, da relevância e revitalização que a literatura nos proporciona por meio dos seus abundantes recursos, cujas linhas subsequentes se encarregam de desvelar.

## 2 A historiografia: mulheres sem voz

Os primeiros escritores a trabalhar com a temática da expedição de Omágua e com os percalços enfrentados pelos colonizadores do Vice-Reino do Peru, foram Segundo de Ispizúa (1977), no V tomo de *Los Vascos en América*, obra em que se dedica a defender a iniciativa de Aguirre como libertador da América e contestar relações como a de Vázquez (1562), e Emiliano Jos (1927), na obra *La Expedición de Ursúa a El Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre*, na qual se debruça a reunir documentos para provar o contrário, o que resulta, conforme a tese de doutorado de Esteves (1995), em uma das obras mais completas acerca do assunto, isso por abarcar desde análises dos discursos dos cronistas a um vasto apêndice documental.

Ao relacionar as seis crônicas publicadas na obra de Mampel González e Escandell Tur (1981), as quais são substrato nesse trabalho, temos a seguinte ordem de organização: crônica de Gonzalo de Zúñiga (1561); crônica de Toribio de Ortiguera (1586); crônica de Pedro de Monguia (1561); crônica de Custodio Hernández (1562); crônica de Francisco Vázquez/Pedrarias de Alместo (1562); e a última de autoria anônima (1561).

Dessa forma, a primeira crônica elencada, de Gonzalo de Zúñiga (1561) se apresenta dividida claramente em dois momentos: um primeiro dedicado à narrativa da jornada em caráter



descritivo, e um segundo voltado a um panorama quantitativo das mortes causadas por Aguirre, o que reforça a formatação de uma identidade demonizada. Essa configuração, contudo, não se conclui, visto que o período histórico que a crônica abrange se inicia com a nomeação de Pedro de Ursúa a governador, até a chegada da expedição à Ilha de Margarita, em junho de 1561.

Temos apenas algumas referências às personagens em análise nessa crônica, e todas para narrar fatos, o que resulta em uma precariedade de descrições. Essa característica verticaliza essas personagens a um terceiro plano dentro da narrativa das relações, Elvira surge na crônica dentro de um discurso político, no qual é ofertada em casamento por palavra a um irmão de Fernando de Guzmán em virtude dos serviços e lealdade de Aguirre: “[...] *y demás desto, casó á un su hermano, llamado D. Martin de Guzman, por palabra, con una hija de Lope de Aguirre que alli tenia, a la cual puso luego don y le dió la mano por su hermano. [...]*” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 13)<sup>7</sup>.

Pelo fato desta crônica não ter sido concluída, a morte de Elvira não é mencionada, diferente da morte de Inés de Atienza, visto que esta perde a vida, a mando de Aguirre, durante a estadia em um povoado indígena. A morte de Inés é a única ligação com a personagem principal, entretanto, sua aparição na narrativa se dá ainda no início, e a menção já deixa claro qual será o seu papel na expedição, o de amante do governador Ursúa: “[...] *Y dos canoas muy grandes, en la una venia el Gobernador y en la otra Doña Inés con seis españoles que la remaban, á la cual traía el gobernador en su casa y rancho. [...]*” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 9)<sup>8</sup>. Todas as demais vezes que a personagem é citada, o discurso que a acompanha é embasado na pressuposição de que ela faz uso de seu corpo para manipular os homens, no entanto o texto é um tanto vago para que se formulem especulações aprofundadas a respeito de sua índole. Nesse sentido, também encontramos esses aspectos na crônica de Toribio de Ortiguera (1586), como veremos adiante.

Esta segunda crônica elencada, traz logo no início o seu destinatário: Don Felipe III, príncipe da Espanha. De acordo com a breve introdução realizada pelas autoras, essa crônica teria sido escrita como um presente ao monarca, que era filho do rei Felipe II, por isso só foi concluída tardiamente, o que permitiu ao autor um tratamento rebuscado, tanto em aspectos formais quanto linguísticos. Isso fica perceptível na forma como a crônica foi estruturada, a

---

<sup>7</sup> Nossa tradução livre: [...] e além disso, casou um irmão seu, chamado D. Martin de Guzman, por palavra, com uma filha de Lope de Aguirre que ali tinha, na qual colocou logo dom e deu-lhe a mão por seu irmão [...].

<sup>8</sup> Nossa tradução livre: E duas canoas muito grandes, em uma vinha o Governador e na outra Dona Inés com seis espanhóis que a remavam, a qual trazia o governador em sua casa e rancho.





começar pela sua extensão, com 62 capítulos, e cada um destes com uma epígrafe explicativa de seu conteúdo.

De forma análoga, este estilo pode ter servido como base para Abel Posse ao escrever o romance em análise, *Daimón* (1978), não só pelas semelhanças formais, mas pela simbologia que se manifesta no ato da desconstrução de um texto dado à coroa como presente ainda no período colonial, e isso se dá no trabalho do autor com o Novo Romance Histórico Latino-americano, um gênero tão híbrido quanto o contexto do qual emerge.

No que diz respeito à narrativa, a crônica não se limita a narrar apenas os fatos comuns às demais, mas vai além, pois ao relatar o desfecho da expedição, faz uma clara alusão a um castigo enviado pelos céus, o qual se manifesta em forma de vulcão próximo à cidade de Quito, em 1582. Essa conclusão se torna interessante pela intensidade com que a sequência culpa/castigo/perdão são tratados, o autor da crônica utiliza esse recurso a fim de mostrar que, pelo fato da expedição ter sido uma verdadeira chacina, houve um sofrimento posterior para remir a culpa inicial.

Quanto a polidez do escritor da crônica, fica evidente que o tempo dedicado à sua produção permitiu que leituras de outras crônicas contribuíssem até mesmo para o cuidado com as proposições a respeito das personagens, como no caso de Inés de Atienza, a qual não é citada como a causa de conflitos entre os homens da expedição, mas sim como a responsável pelo fracasso de Ursúa, ou seja, para o cronista a relevância não está no âmbito das ações da mulher, que se encontra em plano secundário, mas sim nas consequências desses atos, os quais afetam quem está em primeiro plano, os homens. Já Elvira é apresentada na crônica apenas no momento de sua morte, no entanto, o foco está em torno do ato tirânico de Aguirre em matar a filha a punhaladas, e não propriamente na morte desta, conforme lemos:

*[...] Y como se viesse perdido y que en ninguna manera se podia escapar, con un despecho del más atroz y cruel tirano que jamás hasta él se vió, se fue para su única y hermosa hija, echando mano á un punal que traía en la cinta, diciendo: Hija mia, muy amada, bien pensé yo casarte y verte gran señora; no lo han querido mis pecados y gran soberbia, siéndome la fortuna tan contraria como has visto en esta batalla donde todos se pasan al rey y me van dejando solo. Confiésate, hija mia, con Dios, y ponte bien con él, que no es justo que quedes en el mundo para que ningun bellaco goce de tu beldad y hermosura, ni te baldone llamándote hija del traidor Lope de Aguirre. [...]* (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 149)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Nossa tradução livre: [...] E como se visse perdido e que de nenhuma maneira poderia escapar, com um despeito do mais atroz e cruel tirano que jamais se viu até ele, foi-se até sua única e bela filha, munindo-se de um punhal que trazia na cintura, dizendo: Filha minha, muito amada, bem pensei em casar-te e ver-te mulher, mas não desejam



Ao analisarmos essa configuração textual do cronista, percebemos que nos dois casos a sua intenção é a de sobrepôr o homem à mulher, utilizando-as como uma ferramenta para acrescer a superioridade do colonizador com relação às situações a que estão condicionados, no caso de Inés de Atienza, é sobrecarregada com a culpa do fracasso de Ursúa, e essa culpa é tão asseverada que a personagem desaparece da narrativa juntamente com seu amante, sem mais registros significativos. Do mesmo modo Elvira não tem sua existência registrada por significância própria, mas em decorrência das vilanias atribuídas a seu pai, até por que a personagem, além de não possuir nome, é envolta em um discurso dramático a fim de sensibilizar o leitor para a barbárie do ato de sua morte.

Nessa ótica, a terceira crônica relacionada, de Pedro de Monguia (1561), se distancia das demais por dar suma importância aos discursos proferidos por Fernando de Guzmán e por Aguirre durante a jornada, entretanto, em virtude da fuga e traição de Monguia, a crônica é breve e narra apenas o período histórico-narrativo em que o cronista esteve na expedição: da nomeação de Pedro de Ursúa a governador, até a chegada a Ilha de Margarita e posterior delato ao frei Francisco Montessinos. Quem sabe pelo corte histórico, a personagem Elvira é apagada totalmente, enquanto que Inés é citada apenas no momento de sua morte como “[...] *una mujer que se llamaba doña Inés de Matienzo*<sup>10</sup>, *la cual habia sido amiga del Pedro de Orsua* [...]” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 180)<sup>11</sup>.

Na crônica de Custodio Hernández (1562), o quarto texto elencado, apesar de apresentar todo o percurso histórico da jornada, percebemos uma clara divisão estrutural, primeiramente são narrados os feitos e passos de Ursúa, e em um segundo momento é que adentramos no espaço de Aguirre, o qual, comumente, recebe os adjetivos depreciativos e demonizados das demais crônicas: “[...] *Ya lope daguirre andaua aquí tan feroz que nadie osaua hablarle*. [...]” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 197)<sup>12</sup>. No

---

isso meus pecados e grande soberba, sendo meu futuro tão contrário como tens visto nesta batalha onde todos se voltam ao rei e vão me deixando só. Confessa-te, minha filha, com Deus, e ponha-te bem com ele, que não é justo que fiques no mundo para que nenhum velhaco goze de tua beldade e formosura, nem te magoe chamando-te filha do traidor Lope de Aguirre [...].

<sup>10</sup> Os sobrenomes das personagens se alteram entre as crônicas, mas optamos por utilizar o de prevalência, como nos casos de Atienza, que também aparece como Matienzo, e Ursúa, que em várias crônicas é citado como Orsua.

<sup>11</sup> Nossa tradução livre: [...] uma mulher que se chamava dona Inés de Matienzo, a qual havia sido amiga de Pedro de Ursúa [...].

<sup>12</sup> Nossa tradução livre: [...] Já Lope de Aguirre andava aqui tão feroz que ninguém ousava falar com ele [...].





entanto, uma das especificidades dessa crônica é justamente a atenção dedicada às personagens femininas em questão.

Na crônica, Atienza tem sua imagem associada à sedução dos soldados da expedição, e não somente na consequência da morte de Ursúa, já Elvira é tratada como a única pessoa a receber tratamento especial por Aguirre durante a expedição devido ao elo fraternal que os une. Segundo Neira (2013, p. 59), essa personagem foi, na realidade, a única pessoa a quem a protagonista teve amor verdadeiramente.

Como base para algumas das crônicas, o quinto texto listado, de Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo (1562), possui uma das melhores descrições espaço-temporais, uma linearidade histórico-narrativa convincente, além de ricos dados historiográficos dentro de uma narrativa longa. No texto, a personagem Inés de Atienza é tratada com a mesma depreciação que nas demais, no entanto ganha generosos parágrafos para sua descrição:

*En este tempo vino á los Motilones una Doña Inés, moza y muy hermosa, la cual era amiga del Gobernador, para se ir con él á la jornada, bien contra la opinión de los amigos del Gobernador, [...] que, cierto, fue causa principal de la muerte del Gobernador y nuestra total destrucción. (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 206)<sup>13</sup>.*

No texto fica em evidência o objetivo que o cronista tem ao inserir a personagem em suas descrições aprofundadas, que nada mais é do que formatar condições discursivas para eximir a culpa do fracasso de Ursúa na expedição. Dessa forma, o malogro referente à falha não recai sobre os espanhóis que se deixam levar pelos encantos da donzela, nesse caso além de Ursúa, Lorenzo de Saldueno e Juan Alonso (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 221), mas sim sobre a transposição da mestiçagem no grupo que acarreta na ruína da empreitada, como já havia sido anunciada pelos companheiros do governador, dessarte essa ideia se confirma no pouco caso dado à morte de Atienza.

Apesar de um texto mais elaborado, a função política atribuída à Elvira, diga-se objeto de troca, permanece nessa crônica, conforme podemos ler:

*[...] Muchos amigos de D. Fernando y oficiales de su campo eran de parecer que matasen á Lope de Aguirre, pues que le habían quitado el cargo, porque era mal hombre, bullicioso y tenia muchos amigos; pero D. Fernando no lo consintió, ántes, por asegurar y contentar al dicho Lope de Aguirre, que*

<sup>13</sup> Nossa tradução livre: Neste tempo, veio aos Motilones uma Dona Inés, jovem e muito bonita, a qual era amiga do Governador, [...] que, certo, foi a causa principal da morte do Governador e nossa destruição total.



*andaba alborotado y se quejaba que le habían quitado el cargo, le prometió que no entraria en Pirú sin que primero le volviese el cargo de Maestre de campo, y que llegados, le prometia que casaria una hija mestiza que Lope de Aguirre tenia allí consigo con su hermano que se llamaba D. Martin de Guzman, que estaba en Pirú. A la moza puso luego Don, y le dió una ropa de seda muy rica, que era del Gobernador, y otras joyas, y la comenzó á tratar como cuñada. (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 221)<sup>14</sup>.*

Segundo a crônica, após a morte de Ursúa, o novo governador Fernando de Guzmán, nomeado como Príncipe de Terra Firme e Peru, e Governador do Chile (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 223), se vê em uma situação desconfortável acometida por Aguirre, pois na redistribuição de cargos, o posto de Mestre de campo que ocupava passa aos cuidados de Juan Alonso, no entanto, a fim de manter a paz, estabelece a então promessa de vínculo familiar com Aguirre, o qual se desfaz com a morte de Guzmán.

Em suma, especificamente nas crônicas da expedição a Omágua e *El Dorado*, o que mais causa espanto no leitor é o teor quantitativo ligado às mortes, sempre atreladas a Aguirre, o que se percebe é que os cronistas mantêm uma preocupação dantesca em criar o mito tirânico, e para isso utilizam todas as ferramentas que o texto e o contexto disponibilizam. Na última crônica da obra, a Anônima (1561), essa questão é posta em evidência, pois em poucas páginas o autor elabora uma pequena lista contendo todas as mortes atreladas à forma como foi executada. Isso, de certa forma, sana o desejo do autor em construir o demônio tirânico, não só pelo modo de execução, mas pelos números.

No texto, apesar de Elvira ser mencionada dessa vez com o nome completo – Elvira de Aguirre – dado que nenhuma outra crônica apresentou, sua função permanece inalterada. Esse esmaecimento é ainda mais extremo em Inés, visto que só aparece em duas frases isoladas e sem referência alguma a seu respeito, a primeira alude ao momento em que a personagem se apresenta à expedição: “[...] *La llegada de Doña Inés fué muy murmurada. [...]*” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 275)<sup>15</sup>, a segunda se trata da lista na qual consta

---

<sup>14</sup> Nossa tradução livre: Muitos amigos de D. Fernando e oficiais de seu campo eram a favor de que matassem a Lope de Aguirre, visto que haviam tirado dele o cargo por ser um homem ruim, inquieto e ter muitos amigos; no entanto D. Fernando não consentiu, antes, para assegurar e contentar ao tal Lope de Aguirre, que andava nervoso e se queixava que haviam lhe tirado o cargo, o prometeu que não entraria no Peru sem que primeiro lhe devolvesse o cargo de Mestre de campo, e que ao chegar, lhe prometia que casaria uma filha mestiza que Lope de Aguirre trazia ali consigo com seu irmão que se chamava D. Martin de Guzman, que estava no Peru. Pôs logo Dom na moça, e deu a ela uma roupa de seda muito rica, que era do Governador, e outras joias, e começou a trata-la como cunhada.

<sup>15</sup> Nossa tradução livre: A chegada de Dona Inés foi muito murmurada.



sua morte: “[...] *doña ynes de atiencia, hija de vnvº del peru, a puñaladas.*” (MAMPEL GONZÁLEZ; ESCANDELL TUR, 1981, p. 280)<sup>16</sup>.

Sem dúvida, as personagens são suprimidas das narrativas por questões históricas e contextuais, contudo, é nesse aspecto que resgatamos a importância do experimentalismo possibilitado por meio dos estudos literários, é nele que encontramos personagens com ideologia própria e com características planas, conforme abordaremos adiante.

## 2.1 A literatura latino-americana: do descobrimento ao desvelamento das mulheres

A proposta de Posse em elaborar uma nova história da América sob a premissa da “dissolução do passado”, foi um dos motivos que levaram a crítica literária Tacconi (2013) a elaborar uma categorização relativa às diferentes características predominantes nos romances históricos argentinos. Segundo a proposta da autora, as obras podem ser separadas em “[...] *novelas histórico-miméticas, novelas histórico-míticas, novelas histórico-paródicas y novelas transhistóricas, para emplear el término de Abel Posse, o de disolución del pasado, parafraseando a María Antonia Zandanel.*” (TACCONI, 2013, p. 43)<sup>17</sup>.

Dentre essas categorias, *Daimón* (1978) se instaura como representante da última, até mesmo porque essa foi uma delimitação já criada pelo próprio autor do romance para ilustrar sua obra. Com essa nomenclatura o romancista cunha a categoria “*transhistórica*” como um experimento de paródia levado ao extremo por meio da deformação. Essa categoria, para Tacconi (2013), não deixa vestígios contextuais ou possibilidades de uma reconstrução arqueológica.

Nesse aspecto, encontramos um confronto estilístico da obra de Posse com *Príncipe de Chile*, de Monterríos (2007), tanto no quesito estrutural quanto na organização da narrativa presente no texto. Podemos dizer que Monterríos engendra um gênero poético-narrativo multifacetado, a partir da urdidura dogmática do gênero lírico, a qual é desconstruída pelo auto nível de experimentalismos dentro da narrativa, todavia pela inserção de outros gêneros e contextos, o que dá à obra um caráter único de compilação poético-narratológica da jornada de Omágua.

<sup>16</sup> Nossa tradução livre: dona ynes de atiencia, filha de vnvº do peru, a punhaladas.

<sup>17</sup> Nossa tradução livre: [...] romances histórico-miméticos, romances histórico-míticos, romances histórico-paródicos e romances transhistóricos, para empregar o termo de Abel Posse, o de dissolução do passado, parafraseando a Maria Antonia Zandanel.



Se considerarmos os aspectos internos de *Daimón*, Tacconi (2013) aponta que as personagens “[...] *son las almas de los muertos que encarnan de una manera absolutamente extravagante porque ni son espíritus ni son carne, aunque tengan las necesidades y los apetitos de la carne.* (TACCONI, 2013, p. 48)<sup>18</sup>, o que nos leva a compreender que, embora o contexto da narrativa seja mais de meio século após o fato histórico consumado, as personagens possuem as mesmas vontades do passado na qualidade de humanos, no entanto, fica evidente a alteração na personalidade destes, inclusive em Inés e Elvira.

*Discretamente, lejos de la oficialidad apareció su hija quinceañera, Doña Elvira, que llegaba con una especie de camisola transparente, como se viniese de dormir. Provocativa y tontona, como otrora. Aguirre corroboró lo que siempre había pensado y sentido: sus pechos no son pichones, son dos naranjitas sevillanas, sus muslos dos dorados grandes a punto de enroscarse en guerra. Detrás de ella, Doña Inés de Atienza, estupenda (no había perdido su alcurnia en su horizontalidad). Como callado reproche dejaba sangrar sus heridas que brillaban bajo la luna. Él las causo pero por amor.* (POSSE, 1978, p. 16)<sup>19</sup>.

As personagens são embebidas em sensualidade logo na primeira descrição, qualidade esta que Elvira jamais recebeu, além do que, a afirmação que o narrador acentua, de que as feridas que as mulheres carregam são um reflexo do amor de Lope, esclarece a nova posição de Atienza no romance: uma mulher desejada por Aguirre, embora isso nunca tenha sido mencionado nas crônicas. Durante seus descontentamentos, é Inés quem Aguirre procura para curar suas carências, no entanto, agora em um cenário republicano, a personagem também se transforma, se desmaterializa da história para se enraizar na ficção com toda a carga que o contexto exige:

[...] *Resolvió insistir con Doña Inés. Pero ella: “¡No amigo, no... por favor!” Y Lope: “¿Pero por qué? ¿He cambiado acaso? ¡Vamos!: hagamos de esta noche algo delicioso, encontrémonos en la costa del río... “Pero Doña Inés: “No, no puede ser. Hay nuevos compromisos... No soy libre como antes, los*

<sup>18</sup> Nossa tradução livre: são as almas dos mortos que encarnam de uma maneira absolutamente extravagante por que nem são espíritos nem são carne, ainda que tenham as necessidades e os apetites da carne.

<sup>19</sup> Nossa tradução livre: Discretamente, distante da oficialidade apareceu sua filha de quinze anos, Dona Elvira, que chegava com uma espécie de camisola transparente, como que acordasse recentemente. Provocativa e sonolenta, como antes. Aguirre corroborou o que sempre havia pensando e sentido: seus peitos não são peitões, são duas laranjinhas sevillanas, seus músculos dois dourados grandes a ponto de guerrear. Detrás dela, Dona Inés de Atienza, estupenda (não havia perdido sua altivez e sua horizontalidade). Como silenciosa censura deixava sangrar suas feridas que brilhavam sob a lua. Ele foi o causador, mas por amor.



*deberes sociales pesan. Además, debo decirselo, yo misma he cambiado...* [...] (POSSE, 1978, p. 193)<sup>20</sup>.

Da mesma forma o encontro com Elvira, a qual também se casa com um importante escrivão e, diferente do que Lope esperava dela, também acaba sendo consumida pelas regras e dogmas da nova sociedade republicana. Nesse sentido, embora as mulheres em questão se submetam a pertencer à uma conjuntura que se aproxima da comodidade, distante dos ideais libertários e revolucionários que Aguirre mantém vivos, o evento da transformação às deu voz e pertencimento, de forma a retirá-las do oculto a que estavam condicionadas pelo viés histórico.

Apesar de *Daimón* apresentar Inés de Atienza como a responsável por arrastar a personagem principal da sua vida amorosa nas elevações de Machu Pichu, isso devido ao forte desejo e amor que sentia por ela, na obra de Monterríos a mestiça só aparece uma única vez, citada como “[...] *una mujer de la liga contra mi* [...]”<sup>21</sup> (MONTERRÍOS, 2007, p. 35), no poema de título “*Yo maté al nuevo rey, y al capitán de su guardiã*”, no qual Aguirre se revela assassino nomeando algumas pessoas de quem tirou a vida.

Em contrapartida, a filha de Lope é referida em oito poemas, distribuídos entre os 113 textos da obra, dos quais a sua primeira aparição se refere a um poema em forma de diálogo entre Lope e o eu lírico, nomeado como “poeta”, cujo título é “*Ahora está soñando*”. O texto apresenta Elvira no âmbito de condutora da toda a jornada, como se tudo o que fosse ocorrer estivesse a ser guiado pelos sonhos dela, o que retoma a obra anterior quando aborda a questão da sonolência, lá vista como sensual, já aqui como o momento crucial da existência de seu pai e da jornada como um todo: “[...] *Si Elvira se despertaras te apagarías como una vela*”. (MONTERRÍOS, 2007, p. 15)<sup>22</sup>.

No poema “*Rio arriba*,” a presença da menina na jornada pode ser associada à calma, isso pelo remanso provocado por imagens como “virgem adormecida” e “orquídea que espera” em meio às águas sinuosas dos rios Orellana e Bracamoro: “[...] “*Elvira / Soy la Virgen dormida / esa orquídea que espera / El Padre que nunca llega*”. (MONTERRÍOS, 2007,

<sup>20</sup> Nossa tradução livre: [...] Resolveu insistir com Dona Inés. Mas ela: “Não amigo, não... por favor!” E Lope: “Mas por quê? Mudou por acaso? Vamos!: façamos desta noite algo delicioso, encontramos-nos na costa do rio...” Mas Dona Inés: “Não, não pode ser. Existem novos compromissos... Não sou livre como antes, os deveres sociais pesam. Além disso, devo dizer-te, eu mesma mudei...” [...].

<sup>21</sup> Nossa tradução livre: [...] uma mulher da liga contra mim [...].

<sup>22</sup> Nossa tradução livre: Se Elvira acordara te apagarías como uma vela.



p. 26)<sup>23</sup>. Além disso, no poema *In[dios]*, o autor faz um experimento amoroso rememorado entre Aguirre e a possível mãe de Elvira, o que possibilita à menina experimentar sensações impossíveis, ou quiçá limitadas, devido aos lindes históricos: “*Que amé a una de esta tierra libre / Princesa mujer Chacha [...]*” (MONTERRÍOS, 2007, p. 50)<sup>24</sup>.

No poema *Mestiza*, nos é apresentado o momento fatídico da morte de Elvira e a figura dos olhos mortos que choram “[...] *La sangre nupcial [...]*” (MONTERRÍOS, 2007, p. 55)<sup>25</sup>, sangue este que é compartilhado com os mortos, por meio da desventura do falecimento, e com os vivos, através das lágrimas póstumas da menina. Após, os poemas seguintes que resgatam a personagem são de cunho amoroso e fraterno, como “*Elvira mi vida hija del Amor*”, “*nana nanita nana*” e “*Duerme duerme, el mundo no existe*”. Contudo o último poema, “*Ruega por Nosotros*”, promove, com base na inocência e na pureza com que a personagem é concebida, a troca do *status* de filha morta, para um patamar elevado à santificação, em um poema-prece de cunho judaico-cristão.

### 3 Conclusão

Com base no percurso analítico desenvolvido ao longo deste trabalho, nos é possível entrever uma conspícua linha divisória entre aquilo que julgamos ser literário e o que interpelamos como historiográfico dentro de um mesmo tema, porém com discursos distintos. E no tocante às personagens femininas em questão, nos é permissível asseverar a alteração funcional da mulher entre os diferentes modelos textuais, para os quais também sopesamos as fissuras temporais que permeiam as publicações, desde o clássico ao contemporâneo.

Na obra *A dominação masculina*, Bourdieu (2010) comenta sobre a relação de poder institucionalizada que permeou a história e deixou as mulheres à margem, sem nunca ocupar cargos de reconhecimento. O autor tece uma crítica à pesquisa histórica, a qual aponta que

[...] não pode se limitar a descrever as transformações da condição das mulheres no decurso dos tempos, nem mesmo a relação entre os gêneros nas diferentes épocas; ela deve empenhar-se em estabelecer, para cada período, o estado do sistema de agentes e das instituições [...]. (BOURDIEU, 2010, p. 101).

<sup>23</sup> Nossa tradução livre: Elvira / Sou a Virgem dormida / essa orquídea que espera / O Pai que nunca chega.

<sup>24</sup> Nossa tradução livre: Que amei à uma desta terra livre / Princesa mulher Chacha [...].

<sup>25</sup> Tradução nossa livre: [...] O sangue nupcial [...].





Para o autor, é preciso que seja arrancado da história não apenas os flagelos do ocultamento da mulher, mas que seja delatada a dominação masculina infundida na sociedade como um axioma permanente, pois dessa maneira poderá ocorrer o que o autor nomeia como des-historicização. Esse ato de desfazer a história, muito tem a contribuir para o valor cultural que pode ser agregado ao feminino historiográfico, visto que essa contribuição é quase nula, conforme aponta Burke (2005).

Nesse sentido, torna-se crucial e relevante a experimentação originada dos estudos literários voltados para a releitura do texto historiográfico, não apenas pela possibilidade da criação de um simulacro verossímil, o qual nos possibilita uma visão panorâmica da história, mas pela perspectiva ficcional de resgatar discursos que foram emudecidos, vozes que foram sufocadas, ou ainda sentimentos que foram suprimidos, tais quais são delineados nas obras aqui ilustradas.

Por fim, reiteramos a proficuidade de que se valem os estudos de críticos literários, como Amado (1984), Aínsa (1991) e Menton (1993), abordados nessa pesquisa, em perceber os aspectos que afloram no romance histórico, especificamente na modalidade do novo romance histórico latino-americano, como a revisitação do passado, a dissolução do tempo e a paródia, pois é com ferramentas como essas que personagens históricas, porém ocultas, como Elvira e Inés de Atienza, se (re)significam em novos matizes e se reconstroem em cenários mais hóspitos.

## REFERÊNCIAS:

- AÍNSA, F. **La nueva novela histórica latinoamericana**. México: Plural 140 (82-85), 1991.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Traduzido por Maria Helena Kühner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BURKE, P. **O que é história cultural?**. Traduzido por Sérgio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CORTESÃO, J. **A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil**. Lisboa: Allaud e Bertrand, 1922.
- ESTEVES, A. R. **Lope de Aguirre: da história para a literatura**. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. Tese (Doutorado em Letras).



GIMFERRER, P. Prólogo. In: SOUTHEY, R. **La expedición de Ursúa y los crímenes de Aguirre**. Barcelona: Mercedes Casanovas, 2010, p. 12-16.

NEIRA, Hernán. **O indivíduo inquietante sob o signo de Lope de Aguirre**. Tradução de Luci Collin. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

MAMPEL GONZÁLEZ, E.; ESCANDELL TUR, N. **Lope de Aguirre: crónicas 1559-1561**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1981.

MENTON, S. **La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Editora do Fondo de Cultura Económica, 1993.

MERCIER, J. H. Las Cartas de Relación de Hernán Cortés a Carlos V: Historia verdadera de la Conquista del idioma castellano por los Yndios mexicanos y demás naturales deste Nuevo Mundo. In: **III CONGRESO “EL ESPAÑOL, LENGUA DE TRADUCCIÓN” CONTACTO Y CONTAGIO**, 2008. Puebla. Bruselas: Esletra, 2008, p. 439-451.

MONTERRÍOS, M. **Príncipe de Chile**. 1 ed. Santiago: Cuarto Propio, 2007.

POSSE, A. **Daimón**. Barcelona: Plaza & Janés Editores S. A., 1978.

SALVADORINI, V. Las “relaciones” de Hernán Cortés. **Thesaurus**, Bogotá, v. 1, n. 1, p. 77-97, 1963.

SOUTHEY, R. **La expedición de Ursúa y los crímenes de Aguirre**. Traduzido por Soledad Martínez de Pinillos. Madrid: Itaca, 2010.

TACCONI, M. C. **Historiografía y ficción en nuevas novelas históricas argentinas**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2013.